

O sangue é mais forte que a água

Sandrine Bonnaire filma a irmã e Igor Heitzmann o pai na competição do DocLisboa de hoje

Jorge Mourinha

● Num festival tão interventivo como tem sido o Doc 2007, é refrescante regressar ao "factor humano" na sua dimensão nuclear: a família, no centro da abordagem de dois dos cinco programas em competição hoje.

Não que essa dimensão familiar evite uma qualquer intervenção – mas no caso de *Elle s'appelle Sabine*, este documentário de empenho cívico é essencialmente a história íntima de duas irmãs. A irmã que filma está mais habituada a estar em frente da câmara: a actriz francesa Sandrine Bonnaire inventa-se realizadora para filmar a sua irmã Sabine, cujo tipo específico de autismo só foi diagnosticado já na idade adulta. Um ano mais nova que Sandrine, Sabine era uma criança "diferente" que viveu perfeitamente integrada na sociedade, até uma série de traumas familiares desencadearem o seu internamento num hospital psiquiátrico, do qual saiu um verdadeiro farrapo humano que só agora, após cinco anos num centro de acolhimento para adultos deficientes graves, começa a recuperar um semblante de humanidade. Sandrine intercala os *home movies* de Sabine que foi rodando ao longo dos anos – idas à praia, viagens a Guadalupe e a Nova Iorque – com o quotidiano actual da irmã, num filme que tem tanto de penitência pelo seu papel num internamento que provou não tomar o bem-estar da doente em conta como de testemunho a favor da necessidade de investir em centros de acolhimento



Sandrine Bonnaire inventa-se realizadora para filmar a sua irmã Sabine

para um tipo muito especial de doentes que não podem viver sem cuidados continuados. Mas *Elle s'appelle Sabine* é essencialmente uma pungente prova de amor que se equilibra com confiança numa difícil corda bamba: teria sido muito fácil a Sandrine Bonnaire tomar no panfleto ou no

lacrimejante, e ela evita habilmente os dois para pintar o retrato de uma mulher que a própria sociedade se encarregou de ostracizar.

Vidas separadas

A penitência do alemão Igor Heitzmann é de espécie diferente: o seu documentário *A Father's Music*

é essencialmente uma tentativa de compreender o pai que só via aos fins-de-semana ou de longe em longe, o maestro austríaco Otnar Suitner. Pai e filho só se viam ao fim-de-semana porque Suitner, director musical da orquestra estatal de Berlim, morava em Berlim Leste com a esposa Marita, e Heitzmann morava em Berlim Ocidental com a mãe Renate. No entanto, essa "vida dividida" entre a esposa na RDA e a amante e o filho na RFA (e ambas as mulheres tiveram desde o princípio conhecimento da outra...) pouco interessa a Igor Heitzmann, que prefere desenharr um retrato do pai enquanto músico e do modo como essa devoção à sua profissão definiu o percurso da sua vida como meio de conhecer melhor o pai que nunca lhe faltou mas nunca esteve verdadeiramente presente. Ao fazê-lo, assina um filme simpático e interessante, tecnicamente escorreito, mas que na sua vontade de reconciliação emocional e celebração do músico mais do que do homem passa ao lado das verdadeiras questões que vai levantando.

DOCLISBOA Competição internacional.

Elle s'appelle Sabine (França, 2007, 1h25), de Sandrine Bonnaire. Cinema Londres, Av. de Roma, às 14h30. Repete amanhã às 21h na Culturgest, r. Arco do Cego, Grande Auditório. *A Father's Music*, de Igor Heitzmann. Culturgest, Grande Auditório, às 23h. Repete 4ª (24) às 18h30 no Cinema Londres, sala 1.